

Em Burbach eu sou amigo do rei: um estudo sobre *Les pléiades* (1874), de Arthur de Gobineau

Helga Gahvya

Em fins de 1904, Robert Dreyfus proferiu uma série de conferências na École des Hautes Études Sociales, intitulada “La vie et les prophécies du comte de Gobineau”. Publicada no ano seguinte, a obra mereceu alguma atenção de seus contemporâneos, mas foi logo esquecida pelas gerações futuras. Atualmente, é citada apenas por aqueles poucos estudiosos que se recusam a interpretar a obra do diplomata e escritor francês Arthur de Gobineau exclusivamente pelo viés racial.¹

O silêncio era compreensível: por volta do início do século XX, seu elogio ao ariano das épocas heróicas transformara-se no elogio à superioridade teutônica. Era preciso, então, contornar uma interpretação nascida sob a pena de um intelectual judeu – ainda por cima de nome tão sugestivo – que insistia no enfraquecimento do tema das superioridades atávicas no conjunto das reflexões de Gobineau.

Segundo Dreyfus, o objetivo do diplomata era fornecer os fundamentos científicos e filosóficos próprios a uma moral aristocrática. Nesse esforço, o *Essai sur l'inégalité des races humaines*² representou a primeira grande tentativa de estabelecer uma nova hierarquia em um mundo no qual se esfumaçavam as tradicionais distinções sociais.

Seu tempo é rebelde à noção de hierarquia: ele será inimigo de seu tempo, e verá as épocas em que vivemos como um espetáculo avançado de lama e podridão. Mas em um passado bem distante, uma hierarquia lhe aparece, nobre e bela. É a hierarquia das raças. Sua tarefa será compreender a fundo o esfacelamento desta hierar-

¹ Cf. BOISSEL, Jean. *Gobineau polémiste: les races et la république*. Utrecht: Bosch, 1967.

² Doravante denominado, no corpo do texto, apenas *Essai*.

³ DREYFUS, Robert. *La vie et les prophéties du comte de Gobineau*. Paris: Calmann-Lévy, [19], p. 67.

⁴ TOCQUEVILLE, Alexis de. *Œuvres complètes: correspondance d'Alexis de Tocqueville et d'Arthur de Gobineau*. Paris: Gallimard, 1959. t. 9, p. 221.

⁵ *A era da unidade* corresponde à versão gobiniana para o fim da história. Trata-se, em suas palavras, “[...] [d]o último termo da mediocridade em todos os gêneros: mediocridade de força física, mediocridade de beleza; mediocridade de aptidões intelectuais, podendo-se quase dizer ‘vazio’. Esta triste herança, cada um possuirá uma porção igual; motivo algum existe para que um tal homem tenha um lote mais rico que um tal outro; [...] todos os homens se parecem. [...] Eles terão a mesma dose de forças físicas, direções idênticas em seus instintos, medidas análogas em suas faculdades, e este nível geral, mais uma vez, será a mais revoltante humildade”. (GOBINEAU, Arthur de. *Essai sur l'inégalité des races humaines*. In: _____. *Œuvres*, t. 1, p. 1.164).

⁶ DREYFUS, Robert. *La vie et les prophéties du comte de Gobineau*, p. 2122.

⁷ GOBINEAU, Arthur de. Apud GAULMIER, Jean. *Les Pléiades*: notice. In: _____.

quia e interpretar etnologicamente a ascensão da democracia moderna.³

Sua hierarquia racial soçobrou em seu próprio imobilismo: no *Essai*, ele conclui que o regenerador sangue ariano esgotou-se em um passado distante – que sentido haveria em estabelecer um princípio de distinção irrealizável no presente? Para escapar da encruzilhada, Gobineau sacrificou sua concepção de *nobreza de raça* em prol de uma mais abrangente – e talvez realizável – noção de *nobreza espiritual*. Tratava-se da passagem de uma hierarquia racial para uma hierarquia individual.

Essa transformação não deve ser interpretada nos termos de uma ruptura, mas do amadurecimento de uma reflexão anterior mesmo à publicação do *Essai*. Em 1854, quando ainda punha fim ao segundo tomo de seu tratado sobre as raças, ele já assinalava a Tocqueville a precária existência de “algumas centenas de espíritos que ainda vivem acima da atonia geral”.⁴ Esboçava-se uma sugestão segundo a qual, a despeito da decrepitude que marcava a moderna civilização, alguns espíritos nobres conseguiam transcender o vulgo, resguardando uma heterogeneidade irreversivelmente perdida na era da unidade.⁵ Por outro lado, conforme assinalou Dreyfus, “ele preocupava-se sempre em permanecer fiel a si mesmo e à sua [...] hierarquia étnica, e de combiná-la apenas com o código complementar de sua ‘hierarquia individual’, mas sem anular um pelo outro”.⁶

O marco dessa reflexão não foi uma obra pretensamente científica, mas *Les pléiades*, romance publicado em 1874. Gobineau resumia o objetivo do livro à idéia de que “não há mais classes, não há mais povos, mas somente, em toda Europa, certas individualidades que bóiam na superfície como fragmentos sobre um dilúvio”.⁷ Note-se que a citação não inclui “não há mais raças”, pois o conceito de raça, em sua construção teórica, não se autonomiza em relação aos de classe social e nação. Ou seja, na indistinção conceitual de Gobineau, a citada frase encontra-se subentendida na anterior: se não havia classes nem povos (ou nações), não havia, igualmente, raças.

Faltava ao mundo moderno aquele substrato que outrora englobava essas três noções: a *linhagem* – “não há famílias de *filis de roi*”.⁸

Em que medida *Les pléiades* correspondia à tentativa de Gobineau de fundar uma hierarquia calcada em valores individuais? Qual era o estatuto dessas individualidades? Haveria nelas alguma missão histórica? Teria ele encontrado a chave para a regeneração da civilização que cria se destruir sob seus olhos? Esse conjunto de questões orienta as reflexões subseqüentes, com o objetivo de revelar que, ao fim e ao cabo, o romance de 1874 termina refém do imobilismo característico da filosofia da história pessimista de Gobineau.



A concepção de realismo expressa por Gobineau em *Les pléiades* assemelhava-se àquela presente no *Essai*. Seu tratado sobre as raças se baseava declaradamente em suas íntimas convicções, forjadas no *milieu* legitimista, nobiliário e católico no qual fora ele criado. A mesma pena que iniciava o primeiro tomo da obra pelas “definições, pesquisa e exposições das leis naturais que regem o mundo social”,⁹ afirmava, mais adiante, que a empreitada era “a expressão dos instintos a mim fornecidos desde meu nascimento”.¹⁰ Importava-lhe menos os fatos do que o arranjo possível que o conduziria à comprovação de uma verdade preestabelecida: Gobineau recolhia em sua larga erudição um farto material que lhe permitia conferir sentido à singular moral de sua ficção histórica. Interessava-lhe provar que o lento e irreversível processo de centralização característico da formação do moderno Estado-Nação conduzia as sociedades a uma necessária democratização, principal sintoma de sua própria decadência. Para tanto, não poupou nem a coerência interna da obra. Se as contradições jorravam nas prolixas páginas do *Essai*, era menos por ausência de rigor científico do que por desprezo consciente pelo mesmo.

Em 1857, Armand de Quatrefages¹¹ chamava a atenção para a precariedade da abordagem antropológica de Gobineau; essa crítica

⁸ *Ibid.*, p. 939.

⁹ GOBINEAU, Arthur de. *Essai sur l'inégalité des races humaines*, t. 1, p. 141.

¹⁰ *Ibid.*, p. 1.173.

¹¹ QUATREFAGES, Armand de. Apud CASSIRER, Ernst. *Le mythe de l'État*, p. 307.

¹² SEILLIERE, Ernest. *Le comte de Gobineau et l'arianisme historique*, p. 4.

¹³ ANDRE, Sylvie. *Gobineau: parcours mythiques d'une œuvre*, p. 7; BOISSEL, Jean. *Essai sur l'inégalité des races humaines: notice*. In: GOBINEAU, Arthur de. *Œuvres*. t. 1, p. 1.243.

¹⁴ Cf. GOBINEAU, Arthur de. *Histoire d'Ottar Jarl, pirate norvégien, conquérant du pays de Bray en Normandie et sa descendance*. Doravante denominado apenas *Ottar Jarl*. Trata-se do último livro de Gobineau, fantasia genealógica na qual ele atribui à sua família parentesco direto com o pirata escandinavo que dá título à obra. Nessa derradeira empreitada literária, ele esboça sua última tentativa de fundar uma hierarquia hodiernamente: a hierarquia familiar. Como as demais tentativas, esta também se revelou estéril.

¹⁵ RAEDERS, George (Org.). *D. Pedro II e o conde de Gobineau: correspondências inéditas*, p. 322. Em outro momento, diz ele ao mesmo interlocutor: "Sou um homem da Idade Média e aí fico" (*ibid.*, p. 361)

foi repetida por Seillière meio século depois, assegurando que se “a vida e a reflexão poderiam afastar Gobineau de certos preconceitos, ele se mostrará sempre capaz de retomá-los de imprevisto”.¹² Ora, os aparentes deslizos do diplomata podem ser interpretados como uma concessão necessária a uma obra que, identificaram críticos mais recentes, ancorava-se em um mito pessoal.¹³ A despeito de suas pretensões frustradas ao ingresso na Academia Francesa, todos os caminhos pareciam conduzir Gobineau a *Histoire de Ottar Jarl, pirate norvégien conquérant du pays de Bray en Normandie et de sa descendance*.¹⁴ E, quando do lançamento de suas “memórias genealógicas”, ele já abandonara quaisquer intenções de compartilhar o vocabulário científico de seu tempo, tal como revelou a Pedro II:

Mas como vou de encontro ao espírito moderno! É decididamente irreconciliável e isto alegra-me como tudo o mais. Por outro lado, as pessoas de bom pensar estão escandalizadas com o pouco de consideração que eu mostro para com as categorias; positivamente eu deveria ter me contentado em viver no X^o século, mas não tenho qualidades próprias ao XIX^o [...].¹⁵

Tanto no *Essai*, como em *Les pléiades* e *Ottar Jarl*, o realismo não correspondia à tentativa de reprodução objetiva do mundo; a arte não era, para Gobineau, uma imitação servil da natureza – pretensão tipicamente latina que ele reconhecia em Émile Zola, escritor que previsivelmente detestava. As incoerências de seu tratado eram gêmeas da afirmação total da subjetividade do artista, tal como supunha seu autor.

Em *Les pléiades*, essa convicção se expressa na forma pela qual Gobineau apresenta seus personagens. Ele dedicou pouca atenção à descrição da realidade material que os circunda; tampouco atribuiu relevância aos seus atributos físicos. Importava-lhe caracterizar a moral peculiar dos cada vez mais raros “seres

de elite” que compunham sua plêiade, tal como revelava Conrad Lanze, um dos protagonistas do romance:

[...] eu não saberia me interessar pela massa que se chama homens. Eu suponho que, no plano da criação, estas criaturas têm uma utilidade, pois que eu a vejo: elas nos constroem e nós as incitamos. Mas eu não me saio bem e não vejo nada de bom e de belo nelas. [...] Meu olhar, aqui, nada descobre, nada procura, nada quer ver senão os seres resplandecentes que, testa coroada de cintilações eternas, agrupam-se inteligentemente nos espaços infinitos, atraídos, associados pelas leis de uma misteriosa e irrefragável afinidade. [...] e eu acho bem natural e justa essa idéia presente, sempre, em todos os séculos, sob todas as formas de sociedade, sob todas as condições de existência e com todas as leis religiosas, no pensamento das pessoas honestas, conscientes e poderosas, dos homens que sabem pensar e executar, e que não têm jamais deixado de se isolar da massa, qualificando-se de plêiade.¹⁶

¹⁶ GOBINEAU, Arthur de. Les pléiades. In: _____. *Oeuvres*. t. 3, p. 19.

O surgimento dessas individualidades robustas dignas do epíteto de plêiade era, à primeira vista, independente de um determinado contexto histórico. Na verdade, era no processo mesmo de negação da conjuntura presente que se iniciava a aprendizagem pela qual passavam os grandes espíritos. Significativamente, a trama do romance prescinde de qualquer substrato histórico – são ínfimas as referências diretas ao período no qual se desenvolve a trama de *Les pléiades*.

O conceito de *filz de roi* não se assemelha ao de *gênio*. Não cabe no escopo deste artigo investigar pormenorizadamente o papel do romantismo no autor do *Essai*, mas não há dúvidas quanto à familiaridade de Gobineau com essa literatura; aliás, com a literatura alemã em geral – a maioria das referências bi-

¹⁷ GOBINEAU, Arthur de. *Essai sur l'inégalité des races humaines*. In: _____. *Oeuvres*. t. 1, p. 912.

¹⁸ GOBINEAU, Arthur de. *Les pléiades*. In: _____. *Oeuvres*. t. 3, p. 236.

bliográficas do tratado sobre as raças provinha de fontes germânicas. Destaca-se, também, uma convergência temática, evidenciada em uma similar rota geográfica de fuga da modernidade: a valorização do período medieval e das populações orientais. Todavia, **Gobineau era desprovido daquele ímpeto transformador** caracteristicamente romântico. Seu olhar para o passado não ultrapassava as fronteiras da contemplação, e sua única utilidade imediata era fornecer uma explicação coerente para o declínio irremediável da civilização ocidental.

O “gênio romântico” é comumente compreendido como síntese do espírito do seu tempo; aproxima-se da descrição que, no *Essai*, Gobineau fornece **daquele personagem que se poderia denominar “gênio étnico”**:

Nas épocas nas quais as raças nacionais se combinam harmoniosamente, os homens de talento inspiram um mais vivo esplendor, e eles são mais raros porque, somente podendo, saídos que são de uma massa homogênea, reproduzir as atitudes e os instintos muito irradiados ao redor deles; sua distinção não vem do disparate de suas faculdades em comparação àquelas de outros homens, mas antes da opulência maior na qual eles possuem os méritos gerais.¹⁷

Esse tipo de liderança era, segundo ele, próprio às irreversíveis idades heróicas. Já o “ser de elite”, que ocupava suas reflexões na obra de 1874, constituía-se como refutação de sua própria época: “Tudo aquilo que a sociedade perde não desaparece, mas se refugia nas existências individuais”,¹⁸ diz o príncipe Jean-Théodore, outro personagem do romance. Como Gobineau, suas criações negavam o mundo presente. Se, como disse Jean Gaulmier, o livro é um típico *bildungsroman*, isto é, uma narrativa centrada no tema da aprendizagem, não há razões para buscar conexões com o mundo contemporâneo.

Na *era da unidade*, cumpria se preservar da mediocridade – a aprendizagem demanda refúgio.

¹⁹ *Ibid.*, p. 26.

²⁰ *Ibid.*

²¹ *Ibid.*



O ponto de partida do romance é a reunião eventual de três homens em um jantar às margens do Lago Maggiore, em Isola Bella, no norte italiano. Wilfried Nore, inglês nascido em Bagdá, Conrad Lanze, jovem escultor alemão, e Louis de Laudon, típico francês do Segundo Império, pouco se conhecem, e aproveitam a oportunidade para contar suas histórias pessoais. Posteriormente, os três reencontram-se no principado alemão de Burbach, local que concentra a maior parte dos eventos narrados no livro. Paris aparece apenas como um lugar de passagem. A Inglaterra evocada por Nore é aquela outrora habitada por cavaleiros normandos. “Eu sou unicamente um produto dos livros”,¹⁹ orgulha-se o personagem. As “almas de elite” são inimigas do século e, conseqüentemente, de seus mais caros produtos – o espírito cultivado é incompatível com a vida nos grandes centros urbanos.

A hierarquia individual de Gobineau foi expressa nos dois primeiros capítulos do livro. Antes de cada um narrar suas experiências pregressas, era preciso definir aquilo que tornava afim os três homens quase desconhecidos. A convergência desenha-se quando trocam impressões sobre a suposta mediocridade dos novos tempos. O que os fazia escapar de degeneração? A resposta é dada pelo inglês, que, inspirado nos narradores asiáticos, proclama: “*Nous sommes trois calenders, fils de roi*”.²⁰

A primeira preocupação do autor foi libertar esse conceito de sua apreciação meramente fenotípica. Laudon questiona a afirmação do inglês, alegando faltar-lhe a aparência necessária a tal designação. “Vós examinais a questão de um lado único, e precisamente o mais insignificante”,²¹ devolve-lhe Nore. Inaugura-se a polêmica: o inglês insiste em problematizar a dimensão da ancestralidade, reforçando o tema da aprendizagem. Não se trata de atavismo, pois “não

²² Ibid., p. 15.

²³ Ibid., p. 1516.

²⁴ MOUSSA, Sarga (Dir.). *L'idée de race dans les sciences humaines et la littérature (XVII^e et XIX^e siècles)*, p. 14.

é questão de majestade desconhecida a qual o personagem pretende dever seu nascimento”, mas de “qualidades particulares, preciosas, em virtude das quais ele se eleva naturalmente além do vulgar”.²² Para reforçar o argumento do inglês, vale a pena reproduzir a citação na qual ele explica a Laudon o que representa exatamente proclamar-se um *filz de roi*:

Isto significa: “Eu tenho um temperamento ousado e generoso, estranho às sugestões ordinárias dos naturais comuns. Meus gostos não são aqueles da moda [...]. A independência de meu espírito, a liberdade a mais absoluta são privilégios inabaláveis de minha nobre origem”.²³

Lanze aponta a contradição no discurso de Nore: se essas qualidades elevam os homens “naturalmente”, devem estar, de algum modo, relacionadas à linhagem a qual pertencem; são, talvez, atributos que se comunicam através do sangue. De outro modo, como desenvolver tais características em um ambiente cada vez mais hostil à emergência de “espíritos nobres”?

Ora, na década de 1850, quando redigia o *Essai*, Gobineau acreditava que sua explicação racial fornecia aos eruditos de seu tempo uma inédita forma de compreender os fenômenos sociais. *Les pléiades*, por sua vez, é redigido em um universo intelectual cada vez mais racializado. Aquele ponto de partida expresso outrora se tornara lugar comum. O vulgo do último quartel do século XIX conferiu à explicação racial o estatuto de verdade: “A esta época, a idéia de raça não é mais somente objeto de especulações reservadas a uma elite erudita”.²⁴



Por meio do estudo de dicionários franceses, Rémi-Giraud revela a diferença entre a concepção racial que dá sustentação à reflexão gobiniana e aquela que se forjará hegemonicamente nas últimas

décadas dos Oitocentos: a *raça-linhagem* e a *raça-espécie*, respectivamente.²⁵

A autora mostra que, nos vernáculos contemporâneos, a definição de *raça-linhagem* costuma vir à frente, mas logo é apresentada como datada, ou seja, como uma concepção relativa a uma realidade histórica já superada, na qual a idéia de *raça* se refere às famílias consideradas na sucessão de suas gerações. Em seu lugar, assume proeminência a *raça-espécie*, compreendida como um conjunto de caracteres físicos hereditários.

Nos dicionários dos séculos XVII e XVIII, ocorria o contrário: *raça* referia-se, primeira e fundamentalmente à linhagem, e sua segunda acepção era, de modo geral, restrita às espécies animais. Na tentativa de se atualizar a linguagem, pode-se dizer que, por esse longo período, cavalos tinham *raça*, homens pertenciam a famílias.

A partir de meados do século XIX, essas definições tornam-se cada vez mais imbricadas. Tome-se como exemplo o *Dictionnaire de la langue française* (1863-1873), de Littré: a *raça-linhagem* compreende, de modo geral, uma comunidade de caracteres, no plano social e moral, entre os membros que a constituem. A *raça-espécie*, por seu turno, implica uma reunião de indivíduos com origem comum, pertencentes à mesma espécie e cujos caracteres semelhantes são transmitidos hereditariamente.

Para o leitor contemporâneo mais desavisado, talvez fosse relativamente simples dar conta dessa polissemia: à *raça-linhagem* relacionar-se-ia uma concepção que hoje denominaríamos cultural; tratar-se-ia de uma comunidade fundada em torno de valores e concepções de mundo comuns. Já a *raça-espécie* envolveria uma apreciação limitadora, na medida em que determinaria um pertencimento da ordem do hereditário, portanto natural – residiria nela um esforço para classificar os homens biologicamente.

Uma resposta desse tipo correria o risco de apresentar como radicalmente diversas duas concepções que, como os próprios etimólogos do século XIX reconhecem, não tinham limites deveras claros. Para escapar do anacronismo, deve-se tomar como ponto de partida

²⁵ RÉMIGIRAUD, Sylvianne. Le mot race dans les dictionnaires français du XIXe siècle". In: MOUSSA, Sarga (Dir.). *L'idée de race dans les sciences humaines et la littérature (XVIIe et XIX siècles)*, p. 203-221.

²⁶ GOBINEAU, Arthur de. Les pléiades. In: _____. *Œuvres*, t. 3, p. 22.

a tensão conceitual sobre a qual se falou mais acima: o surgimento paulatino da noção de raça-espécie se inscreveu em um processo que desenvolveu, gradualmente, sua autonomia relativa em relação a dois conceitos que não se descolavam da idéia de raça-linhagem: a classe social e a nação.

Esse esforço é decisivo para que melhor se descortine o estranho conceito de raça subjacente à ficção metodológica gobiniana. Ele foi um dos últimos representantes de um modo particular de pensar as diferenças entre os homens que está na origem – quase esquecida – da idéia contemporânea de raça: hoje cultural, ontem biológica, antes de ontem familiar. Ao contrário do que faz crer a historiografia contemporânea, a segunda acepção é menos mobilizada por Gobineau do que a última. E por uma razão mais ou menos trivial: não há, em sua obra, uma clara definição de raça-espécie. Ele até ensaiou fazê-lo, mas os insuperáveis obstáculos com os quais se deparou o trouxeram de volta a uma noção de raça-linhagem.



Como distanciar-se do senso comum sem questionar o conceito de raça-espécie? Ele é crítico à noção de perfectibilidade: se tornar-se um *fiis de roi* envolve um aprendizado, ele não é a todos acessível. Mas não é restrito aos elementos de uma raça específica. Até porque, para Gobineau, a contemporaneidade inviabilizou o sentido preteritamente conferido a esse vocábulo. Simultaneamente negando seu tempo e adiantando as conclusões de *Ottar Jarl*, ele libertava o conceito de *fiis de roi* de sua dimensão racial tal como ora compreendida, mas não chegava a torná-lo autônomo em relação à noção de raça-linhagem. Se o comportamento distinto de Lanze deve “provir de qual coisa hereditária”,²⁶ o uso do pronome indefinido merece atenção. O recurso à raça-espécie, que aos poucos esfumou seus elos originários com a raça-linhagem, estava, por essa época, plenamente incorporado ao discurso da burguesia liberal – ele já pertencia ao século. A raça deixava de ser um argumento próprio àqueles

que, como Gobineau, buscavam preservar as distinções aristocráticas em face da modernidade burguesa e se tornava instrumento de promoção desta mesma modernidade.

²⁷ *Ibid.*, p. 124.

No mundo corrompido, ele dava voz àquele que, segundo os críticos, é o personagem mais identificado com o próprio autor: Casimir Bullet. No começo do romance, Lanze é ainda moralmente próximo aos seus patrícios contemporâneos. Seu caminho em direção ao estoicismo – seu aprendizado – é orientado por Bullet, que já abandonara pátria, família, títulos, nomes e se transformara em Candeuil:

Eu não conheço os mores futuros para aprová-los, os costumes futuros para admirá-los, as instituições futuras para respeitá-las, e eu sei que aquilo que aprovo, que admiro, partiu. Eu não tenho nada a fazer com o que suceder-se-á.²⁷

Em suma, aderir plenamente à raça-espécie significaria, para Gobineau, adequar-se. Seguir a rota dos estudos raciológicos tão em voga em seu tempo poderia implicar abdicar da qualidade de *fiis de roi* – via de regra, um derrotado.

A raça biologizada não mais lhe parecia um critério relevante para sustentar uma nova hierarquia, mas se, em *Les pléiades*, ele tentou fundar uma hierarquia individual, o esforço não foi ausente de contradições. Se ele não chegou a estabelecer uma relação necessária entre a emergência de uma “alma de elite” e suas características ancestrais, não afirmou a independência radical entre os termos. Nore acaba seduzido pela conclusão do alemão:

É um tipo de combinação misteriosa e nativa; uma reunião completa em sua pessoa de elementos nobres, divinos, se vós desejais, cujos antepassados possuíam em toda plenitude, e que as misturas das gerações seguintes com indignas alianças tiveram, por um tempo, disfar-

²⁸ *Ibid.*, p. 16.

çado, escondido, enfraquecido, atenuado, dissimulado, feito desaparecer, mas que, jamais mortos, reaparecem repentinamente nos *fiis de roi* sobre os quais nós falamos.²⁸

Se é possível a alguém abominar o período em que vive, só a morte pode livrá-lo efetivamente dele. A negação envolve, obrigatoriamente, o reconhecimento do outro. Qual sentido há em negar algo que não existe? Por mais que ambicionasse, Gobineau **não tinha como se ausentar plenamente** das verdades de seu tempo. Como no *Essai*, em *Les pléiades* ele procurava ampliar sincrônica e diacronicamente seu diagnóstico e suas apreensões em relação à sociedade européia. A partir dessa experiência específica, ele buscava estabelecer uma lei universalmente válida, inscrita no terreno da natureza, e não da história. Ele afirmava, por exemplo, que o surgimento de um *fiis de roi* prescindia de uma configuração histórica específica; ao mesmo tempo, **Gobineau reconhecia que os tempos modernos eram os menos propícios para a emergência dessas nobres figuras.** Quanto mais democratizada – ou miscigenada – uma sociedade, mais raros seriam aqueles que rompem com os valores e as práticas das massas. Pode-se sugerir que, se não há um ambiente especificamente propício à ascensão de uma “alma de elite”, há, ao contrário, determinados ambientes que dificultam seu aparecimento?

A preocupação subjacente à reflexão de Gobineau **não é classificar os seres humanos segundo suas supostas origens raciais** – o tema de Gobineau é a crítica à igualdade. Quando associada ao Velho Mundo, a ascensão da ordem democrática confunde-se com o processo centralizador característico da formação do moderno Estado-Nação. Nesse sentido, a opção por Burbach como o principal cenário do romance é bastante significativa. Cumpre lembrar que a Alemanha e a Itália de Isola Bella são nações recentemente unificadas. Se, em *Les pléiades*, a preocupação

central gobiniana, isto é, o tema da (des)centralização, aparece, numa primeira visada, minimizado em relação aos seus demais escritos, deve-se ao fato de que ele está já representado na escolha dos cenários. Foi o acaso que juntou tantos *fiis de roi* em um mesmo lugar? Ou uma organização política nos moldes de um principado é mais propícia ao desenvolvimento das qualidades de “seres excepcionais”? Se analisado isoladamente, não há nada no livro que autorize diretamente uma resposta positiva à última questão, mas é a ela que conduz o conjunto dos escritos de Gobineau. Como observou Sylvie André, reitera-se, em sua obra, a predileção por ambientes circunscritos: “Isolados [...] em uma atmosfera rarefeita e pura, os homens reduzem-se a eles mesmos, distante das armadilhas do divertimento e da facilidade”.²⁹

²⁹ ANDRE, Sylvie. *Gobineau: parcours mythiques d'une œuvre*, p. 14.

³⁰ *Ibid.*, p. 32.

Nesses lugares protegidos, reúnem-se, com mais frequência, aqueles elementos que, segundo ele, soçobravam no turbilhão igualitário: hierarquia, descentralização e heterogeneidade. Se “a democracia é, sem dúvida, a forma de governo mais inconcebível para um pensador que vê na similitude e na uniformidade categorias inimigas do ser”,³⁰ Burbach representa, no caso de *Les pléiades*, uma ilha provisoriamente preservada no vasto e expansivo oceano democrático.

Uma nota sobre a hierarquia: não se trata meramente do respeito às convenções e exigências de autocontenção próprias a uma sociedade de corte. Um *fiis de roi* é um súdito *sui generis*. Assim como o ariano das grandes épocas, ele não se curva a quaisquer determinações de outrem, nem mesmo daquele que tem como soberano – ele é *primus inter paris*. Mas ele não é um revolucionário; trata-se, quando necessário, de mudar para conservar, e não para transformar. Em um momento histórico em que a expressão barbárie era cada vez mais utilizada para desqualificar as reivindicações das classes populares, Gobineau restituía ao termo sua significação original: um ser resplandecente não se identifica com a moderna barbárie, “uma selvageria [...]

³¹ GOBINEAU, Arthur de. Les pléiades. In: _____. *Œuvres*, t. 3, p. 18.

³² *Ibid.*, p. 20.

³³ *Ibid.*, p. 197.

que matará tudo e não criará nada”, mas com aquela “barbárie juvenil, brava, ousada, pitoresca, feliz [...]”.³¹ Trata-se, como notou Dreyfus, de um individualismo aristocrático fruto e símbolo do aristocratismo histórico de Gobineau.



A hierarquia individual esboçada em *Les pléiades* levou Gobineau a uma dupla encruzilhada. Por um lado, se ele admitia a existência de “grandes espíritos” em um mundo crescentemente medíocre, seus “seres de elite” não tinham funções regeneradoras; sua missão no mundo era para consigo mesmo, tal como assinala Lanze: “o fato é que desprezo soberanamente a política”.³² Não havia quaisquer garantias quanto ao futuro: a expectativa era a de que os *filis de roi* fossem cada vez mais raros – ou mesmo extintos. Seu pessimismo manifestava-se através de Jean-Théodore, que acaba por renunciar a sua posição e recolher-se em Palermo:

Ele não cria no futuro de seu principado. Ele sabia que, cedo ou tarde, na seqüência de um remanejamento europeu ou de uma negociação inevitável, seus domínios iriam se fundir aos territórios de uma grande monarquia vizinha.³³

Ou seja, sua hierarquia individual corria o risco de tropeçar no mesmo obstáculo que fora intransponível no *Essai*: a ausência de representantes. Como estabelecer uma distinção sem sujeitos aptos a personificá-la?

Em segundo lugar, como percebeu Dreyfus, o foco nas qualidades individuais conduzia Gobineau a certa *aristocratie de [du?] hasard*. Se a um dervixe não estava vedado o caminho que poderia (e)levá-lo à condição de *filis de roi*, por que não admiti-lo também em relação à massa gaulesa? Pode-se sugerir que o processo de aprendizagem estava condicionado a características preexistentes: se Lanze tornou-se sensível aos ensinamentos de Candeuil foi porque já era

portador das virtudes sublimes próprias a um *fiis de roi*. Mas quais seriam essas virtudes? Deriva, provavelmente, da resposta a tal questão, a dificuldade de Gobineau em abdicar completamente do tema da linhagem. Uma “alma de elite” pressupõe atividade de espírito, paciência obstinada e paixão pela independência. As três características podem ser agrupadas sob um mesmo conceito: *honra*.

Lucien Febvre identifica duas variações possíveis ao sentimento de honra. Há uma honra exterior, que se manifesta como uma marca de consideração externa aos homens. Trata-se, segundo o autor, de uma distinção de classe: “*honneur oblige*”.³⁴ Seu principal exemplo é Montesquieu, para quem a honra corresponde “[a]o preconceito de cada pessoa e de cada condição”.³⁵

Já a honra interior, personificada nos heróis cornelianos, representa um sentimento que conduz a renúncias e sacrifícios; ela implica uma recusa a compactuar com aquilo que se julga vulgar. Por isso, tanto os progressos arianos quanto os atuais *fiis de roi* são súditos *sui generis*: honrados pela própria natureza, eles “[se] recusa[m] a inclinar-se diante da força só porque ela é força; diante da paz só porque é a paz”.³⁶

Febvre assegura que mesmo esse viés interior da honra pressupõe relações com uma determinada coletividade. Se é verdade que se trata de um sentimento que tende “a [se] enfraquecer na medida em que os grupos detentores de um código de honra particular sofrem os golpes das grandes transformações que abalam nossas sociedades quase que em seus fundamentos”,³⁷ mesmo travestida modernamente como uma razão de agir individual, suas soluções são sempre coletivas. Sob quaisquer variações, a honra é um imperativo herdado que tem por raiz o elogio ao exemplo fornecido pelos fundadores. Nesse sentido, ela indica o pertencimento a uma categoria privilegiada:

O proletário não dá sua *palavra de honra*, mas o almofadinho não consegue dizer duas palavras sem proferir: “*Palavra de honra* [...]”. O proprietário não jura por sua honra,

³⁴ FEBVRE, Lucien. *Honra e pátria*, p. 60.

³⁵ MONTESQUIEU, Charles Secondant de. *O espírito das leis*, p. 36.

³⁶ FEBVRE, Lucien. *Honra e pátria*, p. 66.

³⁷ *Ibid.*, p. 67.

³⁸ Ibid., p. 62.

³⁹ Ibid., p. 89.

ou sobre a sua honra. É uma coisa que jamais lhe ocorreria espontaneamente. Ele diz simplesmente: “Eu juro!” ou “Eu juro pela minha mãe morta, por meu filho”. Ele não diz: “Juro por minha honra”.³⁸

A paixão pela independência, própria aos honrados gobineanos, representa antes um refúgio nostálgico do que um ímpeto de transformação. Uma “alma de elite” não rompe com sua época em função de um suposto desejo pelo novo. Ao contrário, ela se isola para tentar preservar em seu ínfimo microcosmo aqueles valores varridos em seu tempo. Se os preceitos da honra constituem uma espécie de depósito das distinções pretéritas, os *fiis de roi* são os fiadores desse imaterial patrimônio.

Por meio da exaltação da honra, percebe-se a dificuldade que encontrava Gobineau em conciliar sua formação católica com o seu apego pelas tradições pagãs. A gênese daquele conceito localiza-se na moral de clã própria aos invasores bárbaros. Não se tratava, ainda, propriamente de honra, mas de um sentimento de solidariedade sustentado pela idéia de “voz do sangue”. A família constituía a unidade fundamental: em uma organização social nômade, “a terra se esquiva; a família permanece. [...] estejam eles [...] aqui e lá, algo mora neles do mesmo modo, algo fala neles do mesmo modo e com a mesma linguagem: *o sangue*”.³⁹ O enfraquecimento dessa moral pagã foi estimulado pela Igreja, desejosa que, ao sentimento de filiação à linhagem, se sobrepusesse o sentido de pertencimento à cristandade. Mas ele não desapareceu, apenas adquiriu outra configuração: a partir do século XII, as relações de vassalagem introduziram uma noção de fidelidade que se implantou naturalmente sobre aquela ancorada no elo familiar. As vozes do sangue transformaram-se em vozes da terra: a honra adquire sentido de domínio territorial.

A honra característica dos personagens de *Les pléiades* poderia ser interpretada como uma daquelas razões de agir individuais próprias ao mundo moderno, mas ela mantém elementos do sentimento de pertencimento à linhagem. Gobineau, entusiasta do mundo

feudal, recuava ainda mais no tempo, atribuindo aos seus *fiis de roi* uma concepção desterritorializada de honra: tal como o próprio diplomata no crepúsculo de sua existência, eles circulam por várias paragens, mas não se apegam diretamente ao solo que ocupam. Eles não formam nem classe, nem nação, nem raça; podem até não se encontrar no curso de uma vida, mas compartilham um inominável que se impõe “naturalmente”.

Esperança vã. O sangue esvai-se a cada principado anexado, a cada república erguida. *Fils de roi* não deixam herdeiros. A hierarquia individual de **Gobineau nascia já condenada ao desaparecimento**. Mais uma vez, ele viu frustrada sua tentativa de estabelecer uma nova forma de distinção entre os iguais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRE, Sylvie. *Gobineau: parcours mythiques d'une œuvre*. Paris: Lettres Modernes, 1990.
- BOISSEL, Jean. Essai sur l'inégalité des races humaines: notice. In: Gobineau, Arthur de. *Œuvres*. Paris: Gallimard, 1983. t. 1.
- _____. *Gobineau polémiste: les races et la république*. Utrecht: Bosch, 1967.
- CASSIRER, Ernst. *Le mythe de l'État*. Paris: Gallimard, 1993.
- DREYFUS, Robert. *La vie et les prophéties du comte de Gobineau*. Paris: Calmann-Lévy, [19-].
- FEBVRE, Lucien. *Honra e pátria*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.
- GAULMIER, Jean. Les pléiades: notice. In: Gobineau, Arthur de. *Œuvres*. Paris: Gallimard, 1983. t. 3.
- Gobineau, Arthur de. *Histoire d'Otar Jarl, pirate norvégien, conquérant du pays de Bray en Normandie et sa descendance*. Paris: Didier et Cie., 1879.
- _____. *Œuvres*. Paris: Gallimard, 1983. t. 1.
- _____. *Œuvres*. Paris: Gallimard, 1983. t. 3.
- MONTESQUIEU, Charles Secondant de. *O espírito das leis*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- MOUSSA, Sarga (Dir.). *L'idée de race dans les sciences humaines et la littérature (XVII^e et XIX^e siècle)*. Paris: L'Harmattan, 2003. Actes du Colloque International de Lyon (16-18 nov. 2000).

RAEDERS, George (Org.). *D. Pedro II e o conde de Gobineau: correspondências inéditas*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938.

RÉMI-GIRAUD, Sylvianne. Le mot race dans les dictionnaires français du XIXe siècle. In: MOUSSA, Sarga (Dir.). *L'idée de race dans les sciences humaines et la littérature (XVIIe et XIXe siècles)*. Paris: L'Harmattan, 2003. Actes du Colloque International de Lyon (16-18 nov. 2000).

SEILLIERE, Ernest. *Le comte de Gobineau et l'arianisme historique*. Paris: Plon, 1903.

TOCQUEVILLE, Alexis de. Correspondance d'Alexis de Tocqueville et d'Arthur de Gobineau. In: _____. *Œuvres complètes*. Paris: Gallimard, 1959. t. 9.